

TEORIAS, TERRITORIALIDADES E IDENTIDADES

Neste número da Revista VIS, temos a felicidade de contar com um conjunto de artigos que tentam dar respostas para questionamentos difíceis sobre desafios muito próprios da arte em nossa época. Como se perceberá, lendo o material, aqui reunido, os artigos oferecem leituras ricas que subsidiam a tentativa de compreensão da arte como dimensão estética. Dimensão que traduz, entre outras coisas, um retrato complexo de nossas vidas. Essa miríade de contribuições de conhecimento pode ser verificada, por exemplo, nos artigos que tratam de balizas para a área de artes visuais, como é o caso de José Afonso Medeiros Souza, mostrando a especificidade historiográfica do campo de artes visuais, ou ainda o artigo de Gustavo Pedroso que proporciona contato do campo de artes visuais com questões estéticas pelo viés da indústria cultural. Em seu artigo Pedroso, procura apontar certos sentidos políticos que estão ligados à indústria cultural tal como ela foi concebida pelo filósofo Theodor W. Adorno, em especial certas relações entre indústria cultural e fascismo. Para tanto são examinados e comentados trechos selecionados de textos de Adorno que se referem a estas duas temáticas. Do ponto de vista filosófico é preciso destacar também a leitura de Sartre sobre as pinturas de Tintoretto, realizada em artigo de Priscila Rossinetti Rufinoni.

Do discurso gráfico em cartazes sobre a cidade, encontramos a própria concepção de cidade, a visualidade urbana e a arquitetura nela inscrita, com suas diferenciações. A partir daí, Alejandra Alfonso Pérez e Fátima Aparecida dos Santos realizam uma comparação entre Brasília e Havana. A partir de viagem de estudo, deslocamento e mapeamento, Eduardo Pierrotti Rossetti propõe um guia de visita da produção arquitetônica de Ângelo Bucci na cidade de Orlandia, interior de São Paulo. Já Ricardo Trevisan et alii compõem estudo sobre três cidades específicas: Fordlândia (1923), Serra do Navio (1953) e Caraíba (1979). Três cidades, que funcionaram na lógica produtiva industrial, e foram agora interpretadas pelo aporte metodológico do Atlas warburgiano, para revelar as aproximações e distorções imagéticas entre a cidade idealizada e a cidade vivida.

Ainda na perspectiva das territorialidades temos três contribuições sobre a região Centro-Oeste: o artigo de Bianca Knaak e Marco Aurélio Biermann Pinto sobre o pintor italiano Nazareno Confaloni que viveu em Goiânia; o artigo de Marco Antonio Pasqualini de Andrade sobre a imprensa brasileira sobre quatro edições do Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, realizadas entre os anos de 1964 e 1967 em Brasília; finalmente, o artigo de Maria Cândida Ferreira de Almeida sobre cerâmica e co-criação.

Das questões atinentes às territorialidades para as identidades existenciais e sócio-culturais, esse número da revista conta com três contribuições: o artigo de Pedro de

Andrade Alvim, cujo título é “De cenas insólitas e paisagens destemperadas”, sobre a pintura de paisagem de Paulo Pedro Leal. Já o segundo artigo é de Silvia Miranda Meira e trata da tela “A Negra” de Tarsila do Amaral, pertencente à coleção Museu de Arte Contemporânea da USP. A autora, que tem longo percurso na análise das obras da coleção MAC-USP, traz um estudo minucioso sobre a composição da tela, desde esboços e estudos em desenho até execução final da tela; para caracterização do significado da pintura, Meira se vale da relação de proximidade entre Tarsila do Amaral e Blaise Cendrars, da leitura de Gilberto Freyre e de documentos de época. O terceiro artigo é de Larissa Lacerda Menendez et alii estabelece a 34ª Bienal de São Paulo e a Exposição Moquéim Surâri como marco histórico para o reconhecimento das artes indígenas brasileiras. Em tempo, a revista conta com resenha sobre livro o “Today Is Always Yesterday: Contemporary Brazilian Art” de Michael Asbury.

Nesse número encontramos espaço para potencializar a conexão entre diversas faces de interpretação do material artístico moderno e contemporâneo. De fato, as pesquisadoras e pesquisadores, que contribuíram na Revista, trouxeram não só uma miríade de objetos de análise para a teoria e para a história da arte, mas também ofereceram novas abordagens metodológicas, epistêmicas e estéticas sobre o fenômeno artístico. Essa amplificação do espectro artístico faz-se necessária para visões de conjunto mais amplas, de aspectos estéticos presentes na arte moderna e contemporânea, capazes de produzir explicações e sínteses conceituais mais robustas, que levem em conta atividades que só aparentemente tem pouca ou quase nenhuma relação entre si (pois se trata justamente do contrário). História da arte e da arquitetura, não se excluem, muito pelo contrário; o que dizer das relações de produção gráfica de imagens nas artes visuais e no design hoje? A resposta poderia se deter na premissa construída pelas experiências de arte na Bauhaus, quando naquela escola as atividades ganharam em amplo espectro a denominação de artísticas, isso já bastaria. Contudo, vamos adiante, e percebamos em uma referência da História da Arte, Giulio Carlo Argan dizer com todas as letras que era impossível criar uma divisão mecânica e simplista das artes para seu “melhor entendimento”. Ao invés disso, Argan propõe uma análise complexa dos objetos produzidos na dimensão *hic et nunc* da sociedade moderna a fim de deliberadamente afastar a posição tradicional da relação mecânica, que observa dependência, entre os fatos históricos, da dimensão técnica, produtiva e distributiva e os fatos histórico-artísticos que lhes sejam dependentes.

Hoje, na sociedade contemporânea isso é ainda mais necessário. Referindo-se aos campos de estudo da Cidade, Argan, em seu livro História da Arte como História da Cidade, dizia não ser possível criar uma dimensão de compreensão que considere esses campos como científicos e não artísticos ou vice-versa. Vale a pena reproduzir aqui trecho do livro: “A discussão sobre a essência do urbanismo, se é arte ou ciência, não tem sentido. Não tem sentido, porque a distinção e a oposição das categorias da arte e da ciência já não nos interessa. Pertence a um esquematismo cultural superado, não serve mais para esclarecer, mas apenas para confundir as idéias.” (ARGAN, 1998, p 211).

A Revista está aí para promover o enriquecimento do debate sobre a produção artística brasileira, levando em conta tanto essa nova dinâmica da cultura que foge de esquematismos de campo quanto a riqueza das contribuições ora apresentadas por aqui e que pretendem subsidiar e promover os debates da teoria, da história e da crítica de arte.